



**EDUCAÇÃO JESUÍTICA NA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI:  
CONVERSÃO, DOCTRINA E USO DA MEMÓRIA**

Camila Nunes Duarte Silveira<sup>1</sup>  
Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro<sup>2</sup>  
Maria Cleidiana Oliveira de Almeida<sup>3</sup>

Desde a chegada dos primeiros jesuítas na América Portuguesa, em 1549, os missionários estabeleceram pequenas escolas elementares próprias para o ensino das letras e da doutrina para as crianças indígenas. Apesar da preocupação em imprimir uma cultura letrada nos nativos, os jesuítas sabiam que o trabalho inicial deveria ser instruí-los nos preceitos cristãos inculcando-lhesos “bons costumes” por meio da doutrina. Este trabalho implicava extrair deles a antiga mentalidade de “homem pecador” — na visão do evangelizador — tarefa que só seria possível pelo ato de instruir, educando.

Perceberam os missionários do novo continente que os sacramentos católicos e o ensino dos rudimentos doutrinários careciam de estratégias específicas. Frente a isto, os jesuítas foram viver entre os indígenas, aprender os seus costumes e a forma como se organizavam para, somente então, iniciarem o trabalho. Conforme nos mostra a carta de Manoel da Nóbrega: “Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco” (NÓBREGA, 1988, p.73). Nóbrega entendia que para realizar o trabalho missionário era necessário conhecer de perto o modo de viver dos nativos.

A fim de ampliar a discussão sobre a ação missionária da Companhia de Jesus na Colônia Portuguesa, na segunda metade do século XVI, o presente trabalho buscou, por meio das cartas jesuíticas e dos escritos de viajantes e cronistas da época, a exemplo de Fernão Cardim, Hans Staden, Jean de Léry, dentre outros, analisar os recursos pedagógicos

1 Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade e Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do grupo de Pesquisa: Fundamentos em Memória, Religião, Imagem e Educação - Museu Pedagógico – UESB. Endereço eletrônico: mila-ped@hotmail.com

2 Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Doutora em Educação pela UFBA e Pós-Doutora em Educação pela UNICAMP. É pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Educação e Sociedade no Brasil – HISTEDBR e ao Museu Pedagógico, no qual coordena o Grupo de Pesquisa Fundamentos em Memória, Religião, Imagem e Educação. Endereço eletrônico: apcasimiro@oi.com.br.

3 Professora, efetiva de História do Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus Vitória da Conquista; Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: cleidinha.prof@yahoo.com.br



utilizados pelos jesuítas para converter e doutrinar os indígenas. Entendemos que o ensino da doutrina amparou todo o fazer missionário e, por meio do forçoso exercício da memória, crianças e adultos internalizavam os preceitos cristãos e atendiam aos interesses salvacionistas da Igreja, e mercantis, da Coroa.

As estratégias utilizadas foram subsidiadas por aparatos lúdicos, comuns ao cotidiano ameríndio, a exemplo de cantos e danças, e por atividades mnemônicas presentes nos catecismos, conforme haviam sido defendidas pelo fundador da Ordem, Inácio de Loyola em seus *Exercícios Espirituais* já exercidas nos colégios jesuíticos.

Conhecido o modo de vida indígena e a forma como se organizavam, os padres iniciavam o doutrinar. Sob o entendimento da doutrina como a “Ciência, saber, erudição, ensino; os pontos da fé e da crença da Religião, e assim, os preceitos da moral; discurso moral, pregar doutrina” (SILVA, 1789, p.457)<sup>4</sup>, podemos compreendê-la como a essência do fazer missionário jesuítico. Este conceito da palavra Doutrina apresentado por Antonio de Moraes Silva no primeiro dicionário de Língua Portuguesa, produzido e publicado em 1789, no contexto histórico a que nos referimos — período colonial — apresenta relações com outros importantes termos ligados ao trabalho religioso e amplamente utilizados nos documentos coloniais, especialmente na epistolografia inaciana. Neste dicionário, a doutrina aparece integrada às palavras: catequesi, disciplinável, docilidade, dogma e doutrinar<sup>5</sup>. É importante destacar que esta última está vinculada à palavra “educar”<sup>6</sup>.

A doutrina abrangia uma teia de significados que confluíam para um mesmo fim, a educação, em sua significação mais ampla, mas com especial atenção para o “doutrinar a mocidade”. O sentido da doutrina estava, pois, em tornar o educando disciplinável e dócil, e tinha por finalidade trazer o entendimento dos dogmas, da fé e da moral cristã, conduzindo o educando à conversão, cujo significado expressa o fim doutrinário “mudança de vida para melhor; transformação; mudança para a verdadeira Religião”<sup>7</sup> (SILVA, 1789, p. 326).

Diante do Outro, ou seja, do homem indígena, os missionários detiveram o entendimento de que tratavam com gente de pouca ou nenhuma instrução, homens rasos e fáceis de serem doutrinados. Depois de convertidos, conheceriam bem os sacramentos da confissão e comunhão — elementos importantes da doutrina — e eram capazes de viver tal qual os cristãos. Sobre eles Anchieta escreveu:

4 SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa** composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

5 Doutrinar: Ensinar para formar o entendimento e a moral; doutrinar alguém na fé (...); que ensina e castiga os erros. *Op. cit.*, p.457.

6 Educar: Criar; dar ensino e educação; doutrinar a mocidade. *Op. cit.*, p.462

7 *Op. cit.*, p.326. Grifo nosso.



Depois de Cristãos têm algumas cousas notáveis e a primeira é que são *tanquam tabula rasa* para imprimir-se-lhes todo o bem, nem há dificuldade em tirar-lhes rito nem adoração de ídolos porque não os têm e os costumes depravados de matar homens e comê-los, ter muitas mulheres e embriagar-se de ordinário com vinhos e outros semelhantes, deixam-no com facilidade e ficam mui sujeitos a nossos Padres como se fossem religiosos e lhes têm amor e respeito e não movem pé nem mão sem eles; compreendem mui bem a doutrina cristã e os misterios da nossa Fé, o catecismo e aparelho para a confissão e comunhão e sabem estas cousas tão bem ou melhor que muitos portugueses (ANCHIETA,1988,p.443)<sup>8</sup>.

Sabemos que os primeiros padres iniciaram o trabalho missionário/educativo com as crianças, consideradas mais mansas e mais fáceis de serem movidas, além de mais capazes de absorverem com rigor os conteúdos cristãos. Dóceis e doutrináveis, meninos e meninas estavam abertos, de corpo e alma, e nelas poderiam ser inscritas as coisas da fé.

Os procedimentos adotados pelos inacianos a fim de imprimirem os ensinamentos cristãos na memória dos pequenos indígenas careceram de adaptações aos rudimentos da cultura ameríndia. Os principais elementos de suas práticas consistiam em associar a oralidade à escrita. Conforme é possível observar na carta trimestral do Pe. José de Anchieta: “O principal cuidado que deles se tem, consiste no ensino dos rudimentos da fé, *sem omitir o conhecimento das letras às quais tanto se afeiçoam, que se nessa ocasião se não deixam seduzir, talvez outra se não pudesse encontrar* (ANCHIETA, 1988, p.99)<sup>9</sup>.

Frente à importância dada ao trabalho conjunto entre oralidade/escrita, percebemos nas cartas a relevância atribuída aos cânticos. Na carta que escreve sobre “Informação da Província do Brasil” (1585), ao expor as atividades realizadas pelos padres nas Capitânicas, a exemplo da “Baía”, Anchieta expõe o ensino do canto em que, apropriando-se das vivências indígenas, induzia os meninos a cantarem à moda portuguesa. O trecho é representativo:

(...) lhes dizem missa e ensinam a doutrina cristã duas vezes cada dia, e também em cada uma<sup>10</sup> ensinam aos filhos dos Índios a ler, escrever, contar e falar português, que aprendem bem e falam com graça, ajudar as missas, e desta maneira os fazem polidos e homens. Em uma delas lhes ensinam a cantar e tem seu côro de canto e flautas para suas festas, e fazem suas dansas á portuguesa com tamboris e violas, com muita graça,

8 ANCHIETA, José de. Informação da Província do Brasil para nosso Padre (1585).

9 ANCHIETA, José de, 1534-1597. Carta trimestral de Maio a Agosto de 1556, de Piratininga. [grifo nosso].

10 Anchieta refere-se a uma das três aldeias de indígenas cristãos livres da Bahia: Espírito Santo, São João e Santo Antonio.



como se fossem meninos portugueses (...) (ANCHIETA, 1988, p.424)<sup>11</sup>.

Nessa mesma carta, Anchieta também reconheceu que os adornos e pinturas corporais, bem como a forma com que expressavam corporalmente eram elementos indispensáveis aos indígenas. Tais manifestações culturais não poderiam ficar à parte do processo educacional, vez que tinham a capacidade de despertar neles alegria e comoção. Comovidos, os nativos seriam conduzidos mais facilmente à conversão, tornar-se-iam “homens políticos e cristãos”, expressão muito comum nas cartas anchietanas. Segundo Serafim Leite, a música, o canto e as danças foram os meios de grande valor psicológico utilizado pelos missionários para a “infiltração do cristianismo entre os índios” (LEITE, 1937, p.42-43).

O ensino da doutrina, com suas adaptações, foi empregado segundo a compreensão de que também a catequese e o ensino das letras eram tarefas indissociáveis. Os catecismos em forma de diálogo<sup>12</sup> constituíram-se como uma das principais estratégias de ensino e aprendizagem, pois, tinham a capacidade de fazer com que as crianças fixassem os conteúdos cristãos na memória. A intenção era fazer com que, desde a infância, fossem introduzidos na memória dos nativos um passado de culpa e a necessidade de reconciliação que só poderiam ocorrer mediante as práticas cristãs. A aprendizagem consistia em estabelecer uma rotina para que as crianças aprendessem a doutrina com o auxílio dos exercícios de memorização a fim de que fixassem os ensinamentos na cabeça. Tal estratégia remontava aos ensinamentos de Loyola quando, nos *Exercícios Espirituais*, incentivava a repetição como forma de exercitar a palavra de Deus. Tal qual a prática dos exercícios, as atividades mnemônicas na catequese confirmavam a necessidade de exercitar a memória para uma melhor compreensão dos ensinamentos cristãos. Nisso vemos a importância dada pelos jesuítas à memória e a sua arte, tão exercitada nos colégios europeus e que, na Colônia Portuguesa, com certas adaptações, fora amplamente utilizada como meio para doutrinar.

Associada aos métodos mnemônicos, a aprendizagem da doutrina poderia ser, também, auxiliada por um aparato de recursos cênicos e imagéticos, cujo objetivo era mover sentimentos, impressionar, comover, penitenciar. Como exemplo, podemos citar as procissões. Tudo era pensado de forma que convencesse não somente às crianças, mas

11 ANCHIETA, José de. Informação da Provincia do Brasil para nosso Padre (1585).

12 Em 1564 o Pe Luiz da Grã solicitava de Portugal “A doutrina que se ensina por perguntas e respostas” e em 1566 falava-se no catecismo em forma de Diálogo do Pe. Braz Lourenço que ele utilizava em Porto Seguro. Cf. LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**: Século XVI. Lisboa: Portucália, 1938. p.27. Cabe destacar que o método de doutrinação dos indígenas era fundamentado nos “Diálogos da Fé” composto na língua tupi por Anchieta. Cf. VIOTTI, Hélio Abranches. **Anchieta, o Apóstolo do Brasil**. Edições Loyola. São Paulo, 1966, p. 61;138.



especialmente, aos seus pais. As vestimentas, à moda portuguesa ou indígena, a pintura dos corpos, a forma como cantavam e dançavam atendiam ao imaginário indígena, pois recuperavam naquele momento muitas das suas vivências passadas.

As procissões preanunciaram o que, mais adiante, caracterizaria o teatro de José de Anchieta. Sempre acompanhada de cantos e danças, alguns desses recursos, a exemplo das danças semi-profanas que se faziam na colônia, foram introduzidas não somente nas procissões, como também na produção literária do mencionado padre, em seus autos sacros (LEITE, 1937, p.44).

Diante das análises dos documentos que nos disponibilizamos a estudar, ficou bem evidente o papel que os jesuítas desempenharam frente ao processo de ocupação e colonização do Brasil. Com o lema missionário jesuítico “*Ad maiorem dei Gloriam*”, isto é, “Para maior Glória de Deus”, os padres necessitaram criar uma metodologia “original” para o ensinamento da doutrina e para educação indígena, sobretudo com o fim de adaptar elementos da sua cultura aos ideais cristãos. Doutrinados, os nativos seriam mais facilmente adaptados aos padrões estabelecidos pelo processo colonizador. Para tanto, não se esquivavam de reproduzir gestos, danças e ritmos indígenas e, em muitos momentos, até se faziam como eles.

**Palavras-Chave:** Educação Jesuítica. Brasil Colônia. Doutrina. Conversão. Memória.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. In: Cartas Jesuíticas III. **Informações, fragmentos históricos e sermões / José de Anchieta**. Belo Horizonte: Itatiaia; Editora da universidade de São Paulo, 1988.

LEITE, Serafim. Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil (século XVI). **Revista Brotéria**: Lisboa, vol.24. Janeiro de 1937. p. 42-52.

NÓBREGA, Manoel da. In: Cartas Jesuíticas I. **Cartas do Brasil, 1549-1570/Manoel da Nóbrega**. Belo Horizonte: Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa** composto pelo padre



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa:  
Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.